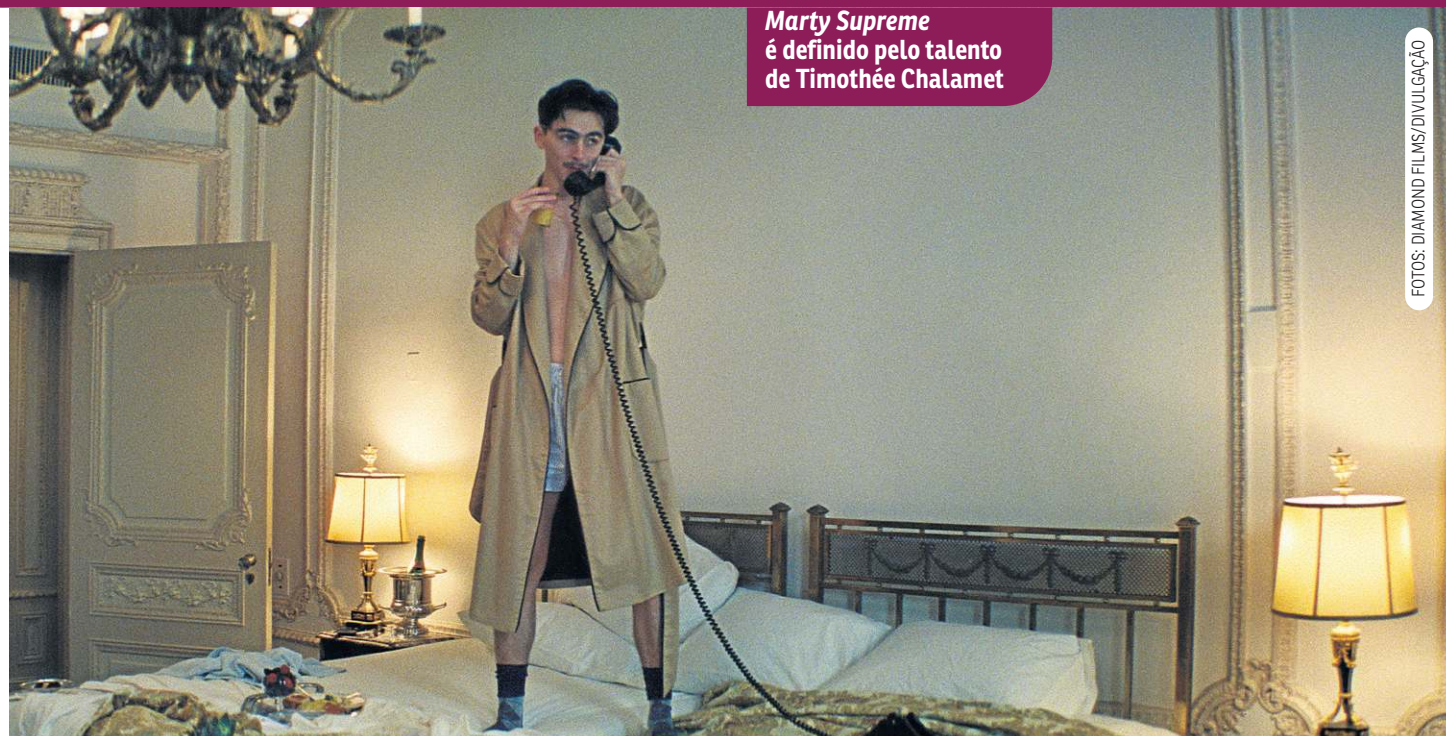


Crítica // Marty Supreme ★★★★★

O MIMADO AMERICANO QUE PEDE ARREGO

Empolgante jornada de um jovem obstinado pelo sucesso como esportista do tênis de mesa, *Marty Supreme* endossa o talento magnético de Timothée Chalamet



Marty Supreme é definido pelo talento de Timothée Chalamet

FOTOS: DIAMOND FILMS/DIVULGAÇÃO

Quase sem tempo para o espectador refletir: assim se afirma a narrativa do longa



Ricardo Daehn

O ano é o de 1952, e as músicas elencadas pelo filme de Josh Safdie (com roteiro coescrito por Ronald Bronstein) contrastam com o período, tendo reforços para Tears for Fears, Alphaville e The Korgis. De certo modo, ao tratarem de temas como inconsequência, governança do mundo, aprendizado e mudanças, as músicas ditam o ritmo do filme. Com a intensidade de uma locomotiva, Marty (baseado, em parte, em Marty Reisman, expoente

do tênis de mesa) desconfia, e, carismático, convence gradualmente os espectadores de que merece todo o reconhecimento do mundo.

Com visão empresarial e compulsão por se autopromover, Marty reinventa o caos, ao mesmo tempo em que o ameniza, num jogo de morde e assopra que faz lembrar as missões amalucadas de Jack Nicholson no cinema setentista. Sem modelos a seguir, ele imprime um padrão genuíno de jogador de tênis de mesa, depois de participar de competição

em Londres (no Wembley) e de desviar das arapucas familiares que poderiam impedi-lo de maiores feitos.

Tiroteios, facadas, encenacas irreparáveis na companhia de um cachorro e uma das sequências mais hilárias do cinema recente cabem na narrativa que, sem esforço, entalha a imagem de Timothée Chalamet — dos mais fortes concorrentes ao Oscar — ao posto de astro. Marty, no filme, enfrenta oponentes no esporte como o japonês Koto Endo (Koto Kawaguchi) e se enreda em aventuras

motivadas pela vizinha Rachel (Odessa A'zion) e o amigo bonachão e inseguro Dion (Luke Manley).

Entre os atores coadjuvantes desta atordoante comédia despontam duas pérolas: Gwyneth Paltrow e o ator e diretor cult Abel Ferrara (de *Olhos de serpente* e *Vício frenético*). Esposa do endinheirado Milton (Kevin O'Leary, num papel perverso), a decadente estrela Kay Stone ganha brilho extra com a interpretação de Gwyneth, que mimetiza uma juvenil Srta. Robinson (o clássico papel assumido por Anne Bancroft em *A primeira noite de um homem*).

Já o papel de Ferrara é inexplicável (só vendo, mesmo!) e impagável. Passada a graça e o torpor da convivência com tipos baratinados, vem o desfecho estonteante — quando Marty é confrontado com uma tocante página em branco que redirecionará sua trajetória, na cena final. Passaporte para a aclamação de Chalamet.